

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-069-8
DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO

Jocelia dos Santos Rodrigues

Universidade Federal do Pará,
Faculdade de Letras Língua Portuguesa,
Cametá/Pará

Raquel Xavier Migueli

Universidade Federal do Pará,
Faculdade de Letras Língua Portuguesa,
Cametá/Pará

1 | INTRODUÇÃO

Reconhecida como uma das ramificações da linguística, a Sociolinguística estuda a língua correlacionando-a ao social. Esta disciplina surgiu a partir do século XX em contrapartida aos estudos saussureano e chomskyniano que tratavam a língua de maneira imanentista, descrita apenas por meio de sua estrutura interna, com isso, não reconheciam o caráter social, heterogêneo e evolutivo da língua.

É sobre essa ciência, especificamente a variacionista, que esse estudo fará menção. Delimitaremos nossa investigação a variável linguística “da primeira pessoa do plural e suas variantes *nós* e *a gente*” que disputam espaço no sistema pronominal no uso do português falado no Brasil e mais estritamente em Mocajuba - PA. Em princípio observemos a

definição de variável segundo Coelho (2010, p. 23), “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com mesmo valor de verdade”. Enquanto, variantes são as formas individuais que concorrem em uma variável. Sendo a variável, a primeira pessoa do plural e as variantes as formas pronominais */nós/* e */a gente/*.

Para compreendemos a regularidade do *nós* e a infiltração do *a gente* no sistema pronominal brasileiro seguimos a sociolinguística quantitativa Laboviana. Em princípio delimitamos o corpus das análises, quatro falantes. Dois da zona rural (vila Merajuba) e dois da zona urbana (cidade de Mocajuba).

A pesquisa abordou dois âmbitos de variação, interna e externa. Referente à primeira levou-se em questão a alternância pronominal na primeira pessoa do plural */ nós/* e */a gente/* na função de sujeito, atuação do verbo na alternância e a importância da marca morfêmica, -mos ou morfema zero, das variantes em estudo. Referente a segunda, os fatores escolaridade e faixa etária foi observada. Observemos o quadro simplificado.

FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
15 a 29 (2)	E. F (1)
	E. S (1)
35 a 49 (2)	E. F (1)
Total	04 informantes

Quadro 1 – Amostra estratificada dos informantes em faixa etária e escolaridade

Fonte: Autoria própria.

Para obtenção dos dados buscou-se encontrar o vernáculo. Para os dois primeiros informantes foi usado uma conversa informal gravada, e para os outros dois a seguinte pergunta, 1) conte histórias em que você participou com duas pessoas ou mais pessoas? A gravação total somou uma hora e vinte e dois minutos.

Trabalhamos no total com noventa e sete dados, e segundo esses, levantamos os seguintes indagações 1) Qual das variantes, *nós* ou *a gente* é mais usada no sistema pronominal?; 3) Quem usa com maior frequência *a gente* na posição de sujeito, jovens ou adultos?; b 4) A escolaridade influencia no uso da variante; Qual a probabilidade de restrição da variante *a gente* diluir-se do uso?

O estudo segue com os fundamentos teóricos da sociolinguística, ou seja, as bases que sustentam a pesquisa. Este trabalho apresentará primeiro os fundamentos teóricos da sociolinguística, em seguida as análises dos dados e as hipóteses respondidas. E por fim, respectivamente, as conclusões obtidas, referências, apêndices e os anexos, arquivo de especificação e descrição dos dados.

2 | FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O introdutor do modelo teórico-metodológico da sociolinguística é o americano William Labov. Segundo Taralo (1994), para se fazer uma pesquisa laboviana quantitativa precisamos definir a comunidade de fala e dentro dessa comunidade estabelecermos as frequentes formas linguísticas em variação.

De acordo com Taralo (1994), o americano apresentou sua primeira pesquisa sociolinguística, no ano de 1963, sobre o Inglês falado na ilha de Marha's Vineyard, no estado de Massachusetts (Estados Unidos). Posterior a essa pesquisa, outros estudos surgiram baseados na estratificação social do inglês falado na cidade New York. Coelho (2010, p. 26) menciona

O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a sociolinguística se ocupa da relação entre a língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala.

O objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada, o vernáculo, a qual constitui o material básico para suas análises. Segundo Tarallo (1994, p. 19), “a língua

falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”. Ou seja, um elo de comunicação, o qual se constrói o sujeito dentro de uma sociedade.

A linha de pesquisa das variantes em estudo remete-nos a colocação de Coelho (2010), que ambas as variações podem ocorrer em âmbitos linguísticos conhecidos por condicionadores internos e externos ou extralinguísticos que podem motivar ou restringir a variação. A variação linguística á nível interno é composta de variação lexical, fonológica, morfológica, sintática e discursiva. Por outro lado, á nível linguístico externo configura-se em: variação geográfica, variação social e variação estilística”.

O autor afirma que para a construção de uma pesquisa sociolinguística deve observa as dimensões dos níveis linguísticos, interna, ligada a estrutura da língua, e externa, considerando o fator extralinguístico.

Em detrimento ao uso do *nós* e o a *gente* Mollica e Braga (2015, p. 11) colocam,

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não aleatórias, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social e estrutural. Assim, as variáveis independentes por grupos ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

Em busca de concordância ou discordância com as citações acima, questionamos quais as dimensões internas e externas que motivam os falantes quanto á fala do *nós/a gente*.

3 | ANÁLISE DE DADOS

Todos os resultados exibidos foram gerados pelo programa GOLDVARB, após os dados codificados. Analisemos a tabela 1.

Variável dependente	Aplicação/ Total de dados	Frequência/ Percentual	Peso relativo
A gente	67/97	69.1%	0.691
Nós	30/97	30.9%	0.309
		100%	
Total de dados 97			

Tabela 1 – A alternância pronominal na primeira pessoa do plural / nós/ e /a gente/ na função de sujeito

Fonte: Autoria própria.

A alternância pronominal da variável dependente como sujeito, a gente, obteve maior proporção de uso no falar dos mocajubenses. Como mostra a tabela acima que para 97 dados apresentaram-se 67 ocorrências desta variável de frequência percentual 69.1% com o peso relativo de 0.69. O que significa dizer que há uma possibilidade de mudança evolutiva na língua. Mollica (2015) em um de seus estudos comparativos da

década de 80 e 90 referentes a esse fenômeno, já havia afirmado a progressão do uso do *a gente* no português falado no Brasil, o qual se confirmou em nossa investigação.

Uma de nossas hipóteses para esse elevado percentual de uso seria a aceitabilidade desta variável em diversas esferas reproduzida de maneira inconsciente pelo falante.

3.1 Fator interno: a atuação do verbo

Usando o método convencional para explicar as variações da língua, olhamos também para sua estrutura. Primeiro fator interno, atuação do verbo. Analisemos a tabela abaixo.

A atuação do verbo	Aplicação/ Total de dados	Frequência/ Percentual
Passado	54/71	76.1%
Não passado	13/26	50.0%
Total de dados 97		

Tabela 2 – A atuação do verbo na alternância pronominal na primeira pessoa do plural /*nós*/ e /*a gente*/ na função de sujeito.

Fonte: A autoria própria.

No fator de atuação do verbo, ex [1]: *a gente falava; a gente brincava* etc., predominou-se o tempo passado, embora o uso desta alternância pronominal ocorra sem concordância verbal. O que se observa nas amostras desta pesquisa é que para 71 dados, encontramos 54 ocorrências de *a gente* com frequência percentual de 76.1%, o que nos leva a pensar em uma hipótese para esse percentual elevado, é ser o assunto abordado na hora da entrevista com os informantes, ou seja, o tema da abordagem sendo sobre narrativas de memória, a possibilidade do falante pronunciar o tempo no passado é alta.

3.2 Fator interno: marca morfêmica

Para Coelho (2010, p. 58), “a não realização de uma desinência verbal que indica terceira pessoa do plural [...], representa uma alternância morfêmica”. Ou seja, ocorre o apagamento da marcação plural que influencia na falta de concordância com o pronome *nós* e *a gente*, porém, acontece uma aceitabilidade de uso do *a gente*. Ex [2]: *a gente vai; a gente foi; a gente brinca* etc. Que na nossa hipótese está relacionado ao conforto desse uso pelos informantes, as pessoas se sentem mais a vontade em pronunciar *a gente*. É o que veremos a seguir.

Marca Morfêmica	Aplicação/ Total de dados	Frequência/ Percentual	Peso relativo
Morfema zero – nós [vai], a gente [vai]	63/70	90.0%	0.854
-mos [nós fomos (fomo), a gente fomos]	4/27	14.8%	0.010
Total de dados 97			

Tabela 3 – A importância da marca morfêmica na alternância pronominal na primeira pessoa do plural /nós/ e /a gente/ na função de sujeito

Fonte: Autoria própria.

Os dados acima apontam que a importância da marca morfêmica para 70 ocorrências, 63 dados é morfema zero demonstrando frequência de 90% com um peso relativo de 0.85. Que Segundo, o programa estatístico Goldvarb, o uso do morfema zero foi um dos fatores internos mais influenciáveis para a progressão linguística da variável a gente. O que se confirma por Mollica (2015), a disposição que o falante tem em prolongar a adesão desse fenômeno.

4 | VARIAÇÃO DIASTRÁTICA

Um dos pontos criticados por Labov referente à linha estruturalista é conceito dado que a língua é homogênea, e o falante ideal é uma realidade. O iniciador da Sociolinguística quantitativa, segundo observações, expõe que, cada falante possui particularidades, e fatores externos e internos contribuem para tal distinção. É especificamente sobre o primeiro fator que Coelho (2010, p. 78) menciona.

Da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social. Os principais fatores sociais que condicionam a variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes.

4.1 Fator extralinguístico: escolaridade

Em conformidade com as colocações de Labov e Coelho, a tabela 03 deixa nítido que o condicionador ‘escolaridade’ contribui para novas formas da língua se inseri no falante que a obtêm.

Escolaridade	Aplicação/ Total de dados	Frequência/ Percentual
Ensino Fundamental	21/38	55.3%
Ensino Superior	46/59	78%
Total de dados 97		

Tabela 4 – A importância da escolaridade na alternância pronominal na primeira pessoa do plural /nós/ e /a gente/ na função de sujeito.

Fonte: Autoria própria.

O dado da tabela permitiu-nos entrar em concordância com Mollica e Braga (2015, p.51) que destacam.

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constatase, por outro lado que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendência de mudança em curso nessas comunidades [...]. compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolaridade, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

O ensino superior apresentou 46/59 da aplicação total, indicando a motivação do letramento escolar na fala de quem a frequenta.

Tomemos como exemplo:

[03] “**a gente** gostava de festa...” [3-INFORS2]

Toma-se como explicação para tal fenômeno o contato diverso que esse indivíduo possui com outros falares e a menor estigmatização dada pela sociedade a essa variante.

4.2 Fator extralinguístico: faixa etária

A idade do falante possui ponto importante para possíveis mudanças que pode ocorrer na língua segundo afirma Coelho (2010, p. 80) “Alguns estudos atestam essa hipótese clássica, quando trazem resultados que mostram os indivíduos adultos tendendo a preferir formas antigas e, os mais jovens, formas novas”. Diante da afirmação analisemos a tabela abaixo.

Faixa etária	Aplicação/ Total de dados	Frequência/ Percentual	Peso relativo
15 a 29 anos	63/64	98.4%	0.944
35 à 60 anos	4/33	12.1%	0.004
Total de dados 97			

Tabela 5 – A faixa etária na alternância pronominal na primeira pessoa do plural /nós/ e /a gente/ na função de sujeito.

Fonte: Autoria própria.

É possível perceber na tabela 5 que os jovens apresentam o maior uso de forma inovadora, o *a gente*. Esses Resultados entram em conformidade com Coelho (2010,

Acreditam que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos na puberdade, e que a partir desse momento a língua espontânea (ou vernáculo) do indivíduo fica basicamente estável – ou seja, o indivíduo não muda sua língua espontânea no decorrer dos anos.

A citação reafirma o resultado da tabela, pois a faixa etária 1 usa em maior proporção a forma inovadora.

Observemos um exemplo:

[4] “**a gente** ficou com medo” [04- INFORF1]

Essa fala supõe que futuramente ocorrerá uma ausência sólida do *nós* no sistema pronominal brasileiro. Sendo que a nova geração preencherá a antiga na sociedade.

5 | CONCLUSÃO

Labov foi sensato ao criar sua teoria e dispuser de um método para confirmação dessa, pois somente em pesquisa de campo, ou seja, ouvindo os falantes, pode afirmar suas hipóteses. Seguindo sua linha metodológica analisamos os dados obtidos e respondemos nossas indagações introduzidas nesse estudo.

O primeiro resultado referente a pesquisa das variantes *nós* e *agente* é que, a segunda ocorre em maior proporção de uso na posição de sujeito. Segundo confirmação, o fator interno influente é a ausência da marca morfêmica para o *a gente*, pelo fato de esse ser menos estigmatizado socialmente.

Partindo para os condicionadores externos, o fator idade contribui para maior recepção de forma inovadora da língua, o *a gente*. Podemos afirmar e reafirmar segundo a pesquisa que o *a gente* está em crescimento no vocabulário dos falantes, colocação aceita quando se observa a tabela quatro em que os jovens usam em maior frequência essa variante, por isso a tendência é continuação de uso. O estudo reafirma a fala de Labov que a evolução da língua ocorre devido às condicionadores internos e externos, ambos em um continuum.

REFERÊNCIAS

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LL/ CCE/UFSC, 2010.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

